

JOSÉ DE ALENCAR – O AUTOR E O SEU TEMPO: UMA INVESTIGAÇÃO DOS FOLHETINS AO CORRER DA PENA NO INTERIOR DA POLÍTICA DA DÉCADA DE 1850

Lucas Henrique Castanho dos Santos (PIC/UEM), Eide Sandra Azevedo Abreu (Orientadora), e-mail: eideabreu@uol.com.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Ciências Humanas e Ciência Política

Palavras-chave: Brasil Império, política de conciliação, liberalismo-século XIX

Resumo:

Este trabalho buscou explorar a série de folhetins de José de Alencar (1829-1877) intitulada *Ao correr da pena*, publicada em 1854 e 1855 no *Correio Mercantil* e no *Diário do Rio de Janeiro*. Escritos dominicais, os folhetins de Alencar abordam um momento de transformações no Rio de Janeiro e em todo o Império brasileiro. Ao investigar os vínculos desses textos com a política do período, observamos que Alencar teve atuação favorável à política de conciliação do Marquês de Paraná, argumentou contra o frenesi e as expectativas de lucro fácil com as ações da bolsa, defendeu a necessidade de esforços por uma identidade e integridade nacionais, apoiando a colonização do território brasileiro por imigrantes, e condenou o que entendia como hábitos não civilizados da população. Alencar defendeu, ainda, que era tarefa do homem de letras ou do artista o trabalho em favor do engrandecimento do país.

Introdução

Em nossa pesquisa nos voltamos ao estudo de folhetins escritos por José de Alencar em 1854 e 1855, intitulados *Ao correr da pena*. O folhetim é um texto que se encontra entre a literatura e o jornalismo, onde seu autor busca cobrir os principais acontecimentos da semana. No jornal carioca *Correio Mercantil* nosso autor escreveu boa parte dos folhetins: a chamada primeira série é publicada entre setembro de 1854 e julho de 1855, compondo um total de 46 escritos. No *Diário do Rio de Janeiro* Alencar publicou mais 7 folhetins, a segunda série, de outubro a novembro de 1855.

A primeira reunião dos folhetins em livro foi feita pelo advogado Dr. José Maria Vaz Pinto Coelho, em meados de 1874. Porém se resumiu à primeira série, só mais tarde a segunda série seria incorporada. No entanto o pesquisador Wilton José Marques, trabalhando com os textos originais, verificou que 8 folhetins nunca foram publicados em livro, apesar das diversas edições já lançadas ao público. Marques (2017) apresenta um conjunto de elementos que indicam ter o próprio Alencar participado

da seleção dos folhetins que seriam publicados pela primeira vez em livro, em 1874, e levanta a hipótese (sustentada por larga documentação) de que foram excluídos por lhe apresentarem inconvenientes políticos para aquele memento. Somente com o livro organizado pelo pesquisador essa totalidade de textos foi conhecida.

Os folhetins de Alencar são relevantes e preciosos pois foi por eles que o autor se inseriu definitivamente no debate público, na imprensa carioca, escrevendo sobre um período de intensas mudanças, de efervescência no comércio e de desenvolvimento de práticas culturais. Esses escritos mostram-se também como propostas de intervenção nas disputas políticas do período, são produções de um autor que compreendia que o homem de letras, o artista, deveria trabalhar em favor de seu país, labutando em prol de seu ofício e de sua pátria (ALENCAR, 2004, p. 108-109).

Em nossa pesquisa buscamos explorar os folhetins de Alencar, conscientes da riqueza presente nesses escritos para compreender o período. Pretendemos produzir um entendimento sobre esse momento da vida de José de Alencar, um dos mais destacados nomes da literatura brasileira e personagem atuante na política do Segundo Reinado. Alencar produziu folhetins que tiveram significativo impacto em seu tempo, e por meio deles também alcançou importante posição na imprensa brasileira. Tencionamos investigar os vínculos dos escritos de *Ao correr da pena* com a política de seu tempo, atentos aos debates e questões em disputa.

Para nossa pesquisa, para orientação metodológica, buscamos contribuições em Renato Janine Ribeiro e Walter Benjamin. A partir das reflexões deste último, nas teses *Sobre o conceito da História*, adotamos a cautela com os riscos dos procedimentos que passam pela aderência ao que foi construído pelos vencedores, aos saberes conforme foram postos por aqueles que dominaram a construção da história. Nesse sentido, buscamos assumir, com Benjamin, um olhar “a contrapelo”: atento aos elementos soterrados pelas construções dos vencedores (BENJAMIN, 1987, p. 225). Cremos que a contribuição presente em Ribeiro também é preciosa e pode ser complementar à Benjamin: a investigação dos vínculos vivos do texto com a política deve iniciar-se no próprio texto, pois a pesquisa que toma o escrito pretendendo lê-lo a partir de modelos prévios do que significaria o tempo em que ele foi produzido, leva ao mero enquadramento (RIBEIRO, 1999, p. 344). Inspirados nessa reflexão, tomamos o cuidado para não tomar o texto como reflexo de um tempo ou contexto, mas considerar que ele visa um leitor e é construído pretendendo atingi-lo. Para isso adotamos “[...] uma mudança de enfoque: em vez de pensar o que o texto retrata, ou como ele refrata uma realidade ou problema, pensar o que ele concebe. Qual é a sua visada.” (RIBEIRO, 1999, p. 346).

Revisão de literatura

Pretendendo um conhecimento do conjunto da obra, objeto de nossa pesquisa, fizemos a leitura e fichamento do conjunto de folhetins: dos textos já conhecidos (ALENCAR, 2004) e dos textos inéditos em livro (ALENCAR, 2017). A natureza dos folhetins exigiu a leitura atenta que, por vezes, requisitava a pesquisa por eventos, indivíduos e locais. Desse modo, o uso de ferramentas de buscas da internet serviu para um entendimento inicial sobre pequenos elementos do texto que era lido: como locais do Rio de Janeiro da época, personagens de eventos específicos e ditados e

expressões de época, em português e em outras línguas. A leitura de biografias de Alencar e a consulta a artigos e livros da historiografia a respeito do período também foi parte essencial da pesquisa.

Resultados e Discussão

Encontramos nos folhetins de Alencar uma rica cobertura dos temas presentes no debate público de meados da década de 1850. Esses textos, já desde os primeiros meses, alcançaram lugar de destaque na imprensa nacional. Marques (2017, p. 15-16) entende que por meio deles a fama literária de Alencar se iniciou. Um dos temas que se mostram presentes em quase todos os folhetins é o teatro lírico: as cantoras, especialmente italianas, forneciam o entretenimento principal da Corte. Além dos relatos sobre últimas apresentações, a cobrança por melhores cuidados com os prédios era constante. Também há críticas à sujeira, ao lamaçal e aos buracos nas ruas, condições favoráveis “[...] para receber com as considerações devidas qualquer epidemia que nos queira honrar.” (ALENCAR, 2017, p. 94). Os pedidos por maiores cuidados com as vias, com os prédios públicos e com o parque municipal se davam em paralelo às críticas ao comportamento e interesses da burguesia que, no período, crescia. A ânsia por frequentar os bailes, ouvir as cantoras líricas, transitar pelas ruas cariocas tão somente dentro dos carros, ao ritmo de solavancos, desprezando a riqueza do caminhar e conversar pelo parque, junto às belezas naturais do Rio de Janeiro, seria marca das elites da Corte. Alencar busca pôr em ridículo as preferências e os prazeres da alta sociedade carioca, que se contentaria com o precário, desde que fosse entendido como de classe. Nesse sentido, achamos em diversos momentos a censura ao frenesi com as negociações de ações, com as muitas companhias que surgiam, prometendo ganhos rápidos. Novos hábitos e uma ampliação do consumo, o crescimento de práticas culturais como a valsa e os bailes, as ações da bolsa, novas regulamentações e reformas por parte do Estado, esses elementos marcam o período e sobre eles Alencar escreveu.

O *Correio Mercantil* era um jornal que tinha posição favorável à política de conciliação do Gabinete do Marquês de Paraná (1853-1856). Essa política, em linhas gerais, buscava a incorporação pelos gabinetes conservadores de alguns membros moderados do Partido Liberal, almejando a manutenção do domínio conservador, diminuindo as oposições e revoltas liberais. Nessa articulação também havia ganhos para os liberais conciliados: retorno ao poder, após um período de afastamento. Alencar também atuava favoravelmente à conciliação. Louvou a união que permitiria, em seu entender, que o Imperador D. Pedro II avaliasse os políticos tão somente pelas suas realizações e contribuições, “[...] sem que uma necessidade dolorosa do seu governo viesse, como nos anos anteriores, batizá-los de ministeriais, de descontentes, ou de oposicionistas.” (ALENCAR, 2004, p. 125-126).

O folhetinista defendia que a livre concorrência deveria ocorrer nos mercados fortes o suficiente para a competição entre agentes privados, nesses casos a manutenção de monopólios geraria claros prejuízos. Para ele, o governo teria de realizar a promoção, por meio de concessões de monopólio e de subvenções, dos empreendimentos pioneiros e necessários ao desenvolvimento de setores e questões importantes para a nação. Ele também apresenta posição favorável à ação estatal para a exploração e a ocupação do território quando visassem ao

desenvolvimento nacional. Também colocou-se como defensor da vinda de agricultores do sul dos Estados Unidos para cá, o que seria uma solução para a carestia e a baixa produção de alimentos para o mercado interno. Para ele, seria um erro aguardar uma solução do mercado para essa questão, permitindo-se a especulação descontrolada frente às necessidades enfrentadas pela população. A sua proposta era clara, o Estado deveria ter a liberdade de promover o desenvolvimento em um país como o Brasil, que apresentava uma série de carências: “Por que, em vez de esperar que os interesses individuais especulem sobre a utilidade pública, não promove ele mesmo a criação das companhias que entender conveniente para o país?” (ALENCAR, 2004, p. 235).

Conclusões

Entendemos que nos folhetins de *Ao correr da pena* Alencar buscou atuar conforme o que defendia ser o papel do artista ou do homem de letras: contribuir com o seu ofício, com a sua arte, e também trabalhar para o país, em favor da pátria. Propôs discussões, cobrou esforços por um teatro dramático verdadeiramente nacional e criticou a corrida para imitar por aqui a moda e os hábitos europeus.

Alencar posicionou-se favoravelmente à política de conciliação, teceu elogios e expressou admiração pelo Marquês de Paraná. Destacou a necessidade de uma presença estatal nas demandas do país que ele entendia que estavam servindo tão somente à especulação, enquanto que pediu por esforços do governo em favor da livre concorrência nos setores que, ao seu ver, já teriam forças para iniciativas competitivas, como a navegação pelo litoral e as companhias de teatro.

Referências

ALENCAR, J. de. **Ao correr da pena (folhetins inéditos)**. Estabelecimento de texto e introdução de Wilton José Marques. São Carlos: EdUFSCar, 2017.

_____. **Ao correr da pena**. Organização de João Roberto Faria. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito da história. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. (Obras escolhidas – I). Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, p. 222-232, 1987.

MARQUES, W. J. O enigma dos folhetins. In: ALENCAR, José de. **Ob. cit.** Estabelecimento de texto e introdução de Wilton José Marques. São Carlos: EdUFSCar, p. 9-84, 2017.

RIBEIRO, R. J. **Ao leitor sem medo**: Hobbes escrevendo contra o seu tempo. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.